RITA LOUREIRO
Interpretação de Macunaíma

mam

Museu de Arte Moderna
de São Paulo - Julho - 82

O Feiticeiro Caicãe e a Viola Mágica das Caças
... topou com o tatucanastra feiticeiro chamado Caicãe que nunca teve mãe. Caicãe sentado na porta da toca puxou a violinha dele feita com a oura metade da abobra encantada e agarrou cantando assim:

Vôte vôte coandu!
Vôte vôte cuati!
Vôte vôte taiaçu!
Vôte vôte pacari!
Vôte vôte canguçu!
Êh!...

Assim. Vieram muitas caças.

Patrocínio: Sharp S.A.
Impressão: Praxis Artes Gráficas
Fotos: Alfredo Loureiro
Coordenação Geral: Ass. de Comunicação
Empresas Machline

RITA LOUREIRO
Interpretação de Macunaíma

Textos extraídos de
"Macunaíma", de Mário de Andrade

Rita Loureiro é um símbolo de alta sensibilidade, que, como num movimento de maré, acaba por devolver em termos de artes plásticas, o que a personalidade riquíssima de Mário de Andrade criou em Macunaíma.

Não a considero naïf. Pintora rebuscada no traço e na pincelada, ela é simples, como simples é o herói que ela nos devolve. Estranha união de paulistano tímido e genial com a moça amazona, que põe em destaque sua obra revolucionária.

Quando vi o que Rita fez fiquei boquiaberto, tal a presença de impulsão criativa de Mário de Andrade. Mas, como dizia o nosso Mário, boquifechei-me e deixei que a Comissão de Arte se manifestasse.

Considero uma honra para o Museu de Arte Moderna receber esse trabalho criativo que une ainda uma vez São Paulo a Manaus através da visão pura e rara desta artista.

Luiz Seraphico
Ex-Presidente

RITA LOUREIRO
Nasceu em Manaus, Amazonas, em 1952
Autodidata. Pinta desde 1977.

Exposições individuais:
1979 - Cenas - Secretaria de Educação e Cultura e Teatro Amazonas - Projeto Hanneman.
1980 - Exposição Individual - "Nós somos da gente que come farinha". - Projeto Hanneman.
1981 - Exposição Individual - Galeria Rodrigo de Melo Franco - Funarte - Rio de Janeiro.

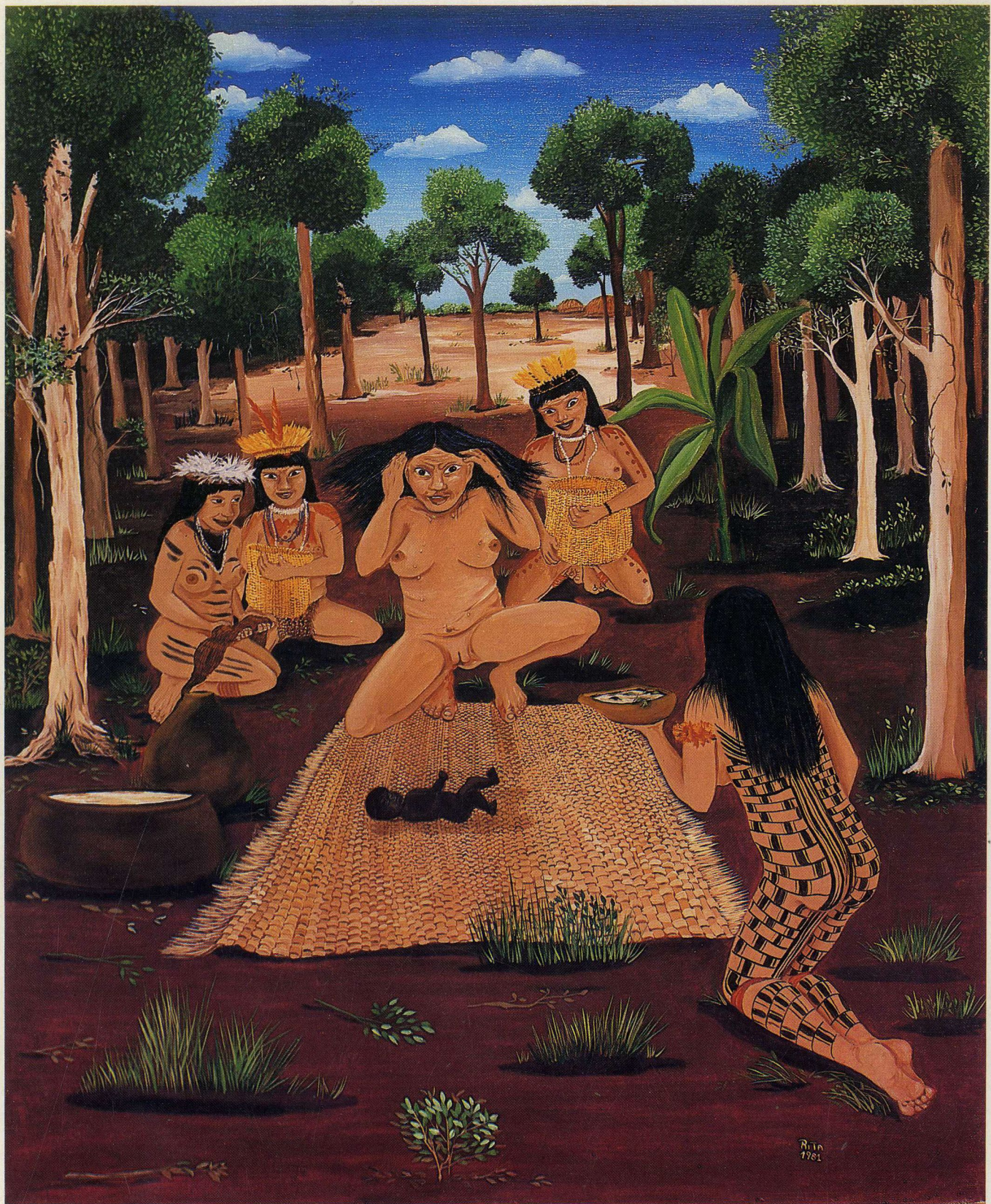
Exposições coletivas, participações em salões:
1977 - XXVIII Salão de Belas Artes do Clube Militar do Rio de Janeiro.
1978 - XXIX Salão de Belas Artes do Clube Militar do Rio de Janeiro.
- I Salão Coletivo "Arte Mulher" - Manaus - AM.
- I Salão Universitário de Artes Plásticas da Fundação Universitária do Amazonas.

1979 - II Salão Universitário de Artes Plásticas da Fundação Universitária do Amazonas.
- I Salão Aberto de Artes Plásticas "Luiz Naranjo" - Manaus - AM.
- I Salão Coletivo "Arte Amazônia" - Paço das Artes, São Paulo - SP.
- XXX Salão de Artes Plásticas do Clube Militar do Rio de Janeiro.

1980 - Exposição Coletiva da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Amazonas - Manaus - AM.
- Mostra de Arte Feminina de Arte Contemporânea do Amazonas "Ixé cunhã" - Manaus - AM.
- Exposição Coletiva Banorte - Manaus

Obra em Museu
1980 - Musée D'Art Naïf de L'ile de France.

Verbete em:
"As Festas Brasileiras pelos Pintores Populares".
Ed. Imprinta (Geraldo Edson de Andrade) - Rio de Janeiro, RJ.

Nascimento de Macunaíma
No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

O Gigante e a Francesa

Então Macunaíma emprestou da patroa a pensão uns pares de bonitezas, a máquina ruge, a máquina meia-de-seda, a máquina combinaão com cheiro de casca-sacaca, a máquina cinta aromada com capim cheiroso, a máquina decoletê úmida e patchuli, a máquina mitenes, todas essas bonitezas, dependurou dois mangarás nos peitos e se vestiu assim. Pra completar inda barreou com azul de pau compeche os olhinhos de piá que se tornaram lânguidos. Era tanta coisa que ficou pesado mas virou numa francesa tão linda que se defumou com jurema e alfinetou um raminho de pinhão paraguaio no patriotismo pra evitar quebranto.
E foi no palácio de Venceslau Pietro Pietra. E Venceslau Pietro Pietra era o gigante Piaimã comedor de gente.

...

La chegado encontrou o gigante no portão, esperando. Depois de muitos salamaleques, Piaimã tirou os carrapatos da francesa e levou-a para uma alcova lindíssima com esteios de acaricora e tesouras de itaúba. O assoalho era um xadrez de muirapiranga e pau-cetim. A alcova estava mobiliada com as famosas redes brancas do Maranhão. Bem no centro havia uma mesa de jacarandá esculpido arranjada com louça branco-encarnada de Breves e cerâmica de Belém, disposta sobre uma toalha de rendas tecidas com fibras de bananeira.

O Bumbá e os Orixás Surram o Gigante

... recebeu com carinho o herói e prometeu tudo o que ele pedisse porque Macunaíma era filho. E o herói pediu que Exu fizesse sofrer Venceslau Pietro Pietra que era o gigante Piaimã comedor de gente.

...

- Me espanca devagar
Que isto dói dói dói!
Também tenho família
E isto dói dói dói!

...

- Me chifra devagar
Que isto dói dói dói!
Também tenho família
E isto dói dói dói!

Carta prás Icamiabas

Às mui queridas súbditas nossas, Senhoras Amazonas.

Trinta de Maio de Mil Novecentos e Vinte Seis, São Paulo.

Senhoras:

Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva. Cumpre-nos, entretanto, iniciar estas linhas de saudade e muito amor, com desagradável nova. É bem verdade que na boa cidade de São Paulo — a maior do universo, no dizer de seus prolixos habitantes — não sois conhecidas por "icamiabas", voz espúria, sinão que pelo apelativo de Amazonas...

O Minhocão Oibê

Macunaíma olhou para trás. Oibê quase ali. Então botou o furabolo na goela pela última vez, fez cosquinha e alojou a pacuera n'água. A pacuera virou num periantã muito fofo de ervas. Macunaíma botou a gaiola com jeito no fofo, atirou a princesa lá e dando um arranco na margem com o pé, afastou da praia o periantã que as águas levaram.

Vou imbora, imbora.
Eu aqui volto mais não.
Vou morar no infinito,
Vou virar constelação.

Dizem que um professor naturalmente alemão andou falando por aí por causa da perna só da Ursa Maior que ela é o saci... Não é não! Saci inda pára neste mundo espalhando fogueira e trançando crina de bagual... A Ursa Maior é Macunaíma. É mesmo o herói capenga que de tanto penar na terra sem saúde e com muita saúva, se aborreceu de tudo, foi-se embora e banza solitário no campo vasto do céu.

MACUNAÍMA: UMA (RE) VISÃO BARÉ.

Trata-se de um trabalho monumental: Rita Loureiro mergulhou no mito para fazer perante os nossos olhos um conjunto e uma constelação. Conjunto de imagens que iluminam-se com a acuidade de sabedorias esquecidas. Constelação porque povoa sobre telas e mais telas as imagens perdidas do nosso inconsciente amazonense. Mais do que pintura primitiva, é etnografia. Mais do que etnografia, é recriação do espaço mítico cuja linguagem eficiente ela inventa, fazendo recuar a primitividade e avançando a logicidade dos jogos poéticos, das verdades arquetípicas, da veracidade absoluta da amazonidade. Por isto, estas telas são moderníssimas. Bem no que por moderno entendia Mário de Andrade: a recorrencia perene da fábula permeando a caminhada rumo ao futuro.

Mas o que nos impressiona é que esta coleção não pretende ser uma ilustração da obra de Mário de Andrade. Rita, muito obstinadamente vai mais além. Ela revisita, porque aos universos míticos só podemos revisitar, e mostra-nos um pouco da riqueza que pôde vivenciar nessa tarefa. Este é o papel mais digno, lição mais cristalina que Rita Loureiro, artista amazonense, parece nos ensinar quase sem querer. Nesta terra onde a arte é moeda sem maior valor que um tráfico de sinecura, onde mais vale a diluição que a radicalidade inventiva, sua homenagem ao herói sem nenhum caráter é uma esperança.

Conjunto de imagens e constelação, este novo avanço de Rita Loureiro, ancorada na terra e no sonho, pede para ser visto como deve ser: enquanto jogo radical do primitivo com o moderno.

Márcio Souza.

A Visão da Boiúna

... o herói ... . Andou banzando banzando, e muito fatigado por causa da fraqueza parou no parque do Anhangabaú. Chegara bem debaixo do monumento a Carlos Gomes que fora um músico muito célebre e agora era uma estrelinha no céu. O ruído da fonte murmurejando na tardinha dava pro herói a visagem das águas do mar. Macunaíma sentou no parapeito da fonte e assuntou os baguais marinhos de bronze chorando água. E lá na escureza da gruta por detrás da tropilha presenciou uma luz. Fixou mais e distinguiu uma embarcação muito linda que vinha boiando sobre as águas.

A heroina paulizônica

Rita Loureiro nasceu em Manaus, em 1952, de pais manauaras, antigas ascendências cabocla e portuguesa. Autodidata, pesquisadora, começou a pintar, em 1975, cenas locais e regionais, um regionalismo de verdades arquetípicas, amazonenses, fiada no índio selvátivo e na floresta majestática, o que a torna desde logo um nome de relevo na arte brasileira.

Expôs em individuais em 1976 na Secretaria de Educação e Cultura e Teatro Amazonas, "Cenas", dentro do Projeto Hanneman, de incentivo aos novos pintores; no mesmo Projeto, "Nós somos da gente que come farinha", ainda em Manaus; e em 81 fez a primeira individual no Rio de Janeiro, na Galeria Rodrigo Mello Franco de Andrade, da Funarte. Em coletivas e salões participou de mostras no Rio de Janeiro, ainda em Manaus, e, em São Paulo, de exposição "Arte Amazônia" no Paço das Artes da Secretaria da Cultura. Tem obra no Museu Francês de Arte Naif. Rita Loureiro já é verbete em livros de arte do Brasil, da Suíça e da França.

Seu trabalho sobre Macunaíma, é monumental e etnográfico, recriando, com sua pintura primitiva, colorida e plena de sortilégios, as lendas de Mário de Andrade do livro famoso.

Ela chama, com justa razão, o moleque sem caráter, de paulizônico, pois foi criado em São Paulo, pelo literário genial, após suas andanças na Amazônia, na célebre expedição ideada por D. Olivia Guedes Penteado. Rita recria o assunto com rara habilidade, inscrevendo a série agora exposta no MAM no portal maior das comemorações dos 60 anos da Semana de Arte Moderna de 1922.

Em Manaus, em sua casa (sem campainha, sem TV, sem telefone) no centro da cidade, é de vê-la, ao lado do marido Alfredo e dos 3 filhos, pesquisando, pintando, comendo tapioca com mel e pirarucu assado na brasa, tomando cupuaçu e cajá, essa naturalista na vida e na arte, simples e recatada, varando madrugadas, inventiva e sonhadora, criando com absoluta veracidade, tornando presentes até nós a verdade andradina do Macunaíma. Águas, matas, bichos, gentes, barrancos, igrejinhas, flores, crepúsculos, sóis e luas, tudo é recriado pela alma sensível, de absoluta autenticidade, de Rita.

Um nome do universo amazônico, que parte para a conquista do público & crítica nacional, agora lançada a nível maior pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo, que, assim, passa à frente de outras organizações culturais, daqui e de fora, atraído pelo rastro luminoso de Rita.

Cumprimentos ao MAM paulista e a todos que possibilitaram a mostra da artista amazonense, como a SUFRAMA, festejando o 15º aniversário da implantação do Distrito Industrial, e à Sharp, empresa de Matias Machline, celebrando seus 20 anos no Brasil, e em cuja Agenda'82, dedicada aos artistas de Manaus, foi justamente ressaltado o trabalho terno e idílico de Rita Loureiro.

Pois Rita nos mostra que - como dizia Tolstoi a um jovem ucraniano - ao pintar sua aldeia, aí o artista se torna nacional. Rita, tanto quanto seu mestre Mário de Andrade, 60 anos depois, torna-se com sua arte, literária e artisticamente, tomada do modernismo paulizônico, um nome grande dos nossos brasis.

Luiz Ernesto Kawall
(UBE - APCA) - 4/82

Relação de obras

1 - Nascimento de Macunaíma
2 - A Bela Iriqui
3 - Cy, Mãe do Mato
4 - O Caso da Cascata
5 - O Negrinho do Pastoreio Ajuda o Herói
6 - O Herói deixa sua Consciência na Ilha do Marapatá
7 - A Caminho da Cidade Macota Lambida pelo Igarapé Tietê
8 - O Pezão de São Sumé e as Três Raças do Brasil
9 - A Despedida do Séquito de Araras
10 - As Três Pragas do Brasil
11 - Visita à Oca de Piaimã
12 - Renascimento de Macunaíma
13 - O Gigante e a Francesa
14 - Caterina
15 - Macumba da Tia Ciata
16 - O Bumbá e os Orixás Surram o Gigante
17 - Piaimã Convalece em seu Jardim em Companhia da Família
18 - O Curumim Chuvisco
19 - Vei, a Sol
20 - Carta prás Icamiabas
21 - Convertendo-se à Religião Caraimonhaga
22 - Pai do Mutum
23 - Caçada no Bosque da Saúde
24 - O Anzol do Inglês
25 - A Velha Ceiucy Tarrafeando o Herói
26 - O Herói Foge da Velha Ceiucy na Passarola do Padre Voador
27 - Muitos Pintores e pouca Saúde os Males do Brasil São
28 - Zé Prequeté
29 - O Caso dos Toaliquiçus
30 - A Visão da Boiúna
31 - A Piolhenta do Jiguê
32 - Zelação - A Estrela que Pula
33 - Emoron-Pódole, Pai do Sono
34 - Piaimão Chega das Oropa
35 - Morte do Gigante
36 - O Minhocão Oibê
37 - Encontro com Hércules Florence
38 - O Catimbozeiro Tzaló e a Cabaça Mágica dos Peixes
39 - O Feiticeiro Caicãe e a Viola Mágica das Caças
40 - A Sombra Leprosa do Jiguê
41 - Meu Boi Encanto.
Boi Corre Campo.
Urubu Avoando.
Boi que morreu...
42 - Tinguijar
43 - Vou imbora, Vou imbora.
Eu aqui volto mais não.
Vou morar no infinito,
Vou virar constelação.
44 - Uma mãe pariu muitos filhos,
Todos dentro de um pote.
Deu tangolomango neles.
Não ficaram senão...

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de **Cultura**